

quando

Paris 

cintila

betty milan

quando

Paris

cintila

betty milan

1

Qua

nddo

Paris

cintila

para ir bem longe, não é preciso caminhar muito  
André Breton\* dizia que a aventura mora na esquina  
é primavera e é pôr-do-sol, um convite ao passeio  
em frente do Hôtel de Ville, vejo uma árvore já carregada  
de flores  
não são propriamente roxas, e sim *mauves*, lilás, uma cor que  
predomina nos países do Norte  
por causa do *mauve*, sigo para a Notre-Dame, ver aí o  
jardim  
atravesso o Sena e logo chego no adro da igreja  
na porta, os fiéis compram ramos de uma planta que eu  
desconheço  
pergunto o nome e o homem que vende me diz *buis*  
percebendo que a palavra nada significa para mim, ele me  
dá um ramo  
não me ignora por eu ser estrangeira e não estar a fim de  
comprar  
me inclui delicadamente entre os fiéis, e eu tenho vontade de  
entrar na igreja  
não tenho como atravessar a porta sem me deter na talha  
de madeira, que, de alto a baixo, é esculpida com galhos e  
folhas  
trata-se de uma versão ocidental do arabesco  
tanto admiro a talha quanto o fato de nunca ter reparado  
nela  
o Oriente estava a dois passos, e eu não sabia  
assim somos  
vai-se fazer o quê?

o fato é que eu entro e me aproximo do altar onde o padre lê um fragmento da *Paixão segundo São Lucas*

ouço-o evocar o que os chefes dos padres e dos escribas dizem a Pilatos sobre o Cristo: “— Encontramos este homem semeando a desordem. Ele impede os outros de pagar os impostos e afirma que é o Rei Messias”

ouço a frase olhando para as duas rosáceas do transepto vistas à luz do ocaso e dos lustres de lâmpadas que simulam velas, são tão irrealis quanto as noites claras de luar

ainda que o Cristo só tivesse nascido para inspirar os homens que, séculos depois, fizeram os vitrais de Notre-Dame,\*\* ele mereceria ser chamado de Salvador

porque com a arte a gente se salva

bastou ter olhado as rosáceas e ter tido a idéia de escrever um texto cujo título seria *Quando Paris cintila* para sair da igreja salva, feliz

***Paris, 2003***

2

Qua

ndo

a palavra

Proust

é mágica

o fato de ser tomada por uma pessoa estranha sempre incomoda

nem sempre, no entanto, o estranhamento é ruim

em Paris, eu gosto de ir à biblioteca do bairro para escrever como o espaço é para consulta, esse comportamento pode ser considerado estranho

nunca havia pensado nisso e é provável que, sem a pergunta do meu vizinho de mesa, nunca viesse a pensar

— Você faz o quê?, quer saber o rapaz, que, pelos cabelos loiros, parece um anjo saído do quadro de um pintor nórdico

um anjo de um retábulo alsaciano

me surpreendo com o fato de não ter me dado conta da sua presença e digo que estou escrevendo um romance

— Um romance?, e ele fixa o olhar no meu caderno

ponho a mão em cima para esconder as rasuras e digo que é *difícilimo* escrever, imaginando acabar assim com qualquer ilusão sobre o meu ofício

qual nada

— Romancista!, exclama ele, quase sem acreditar no que ouve, e já indagando se é o meu primeiro romance

— Não, mas nunca é fácil

a resposta, que poderia ter levado o meu vizinho a pôr os pés no chão, o faz sonhar ainda mais e concluir: — Você vive tardes proustianas\* aqui

— Tardes proustianas!, repito, tão surpresa quanto contente como pode ele ter tido essa idéia?

e a perplexidade cresce até eu concluir que o importante é ter gostado da idéia que tornava sublimes tardes infernais

sem saber, o anjo nórdico tingiu a minha hora de azul  
talvez, aliás, para que a dele se tornasse melhor  
para sair da biblioteca, onde ele estudava para um exame  
*difícilimo* de matemática, e entrar imaginando num salão  
literário  
para escapar à realidade e se livrar do sofrimento imposto  
pelo trabalho  
a referência a Proust nos fez passar de um lugar real a um lugar  
imaginário, onde não há exames nem etapas a transpor  
onde tudo é reconhecimento

***Paris, 2003***